

RELATÓRIO DE ATIVIDADES PJJ - VLADIMIR HERZOG EQUIPE: UFMT (CAMPUS ARAGUAIA)

Loucos - Esse foi o nome dado para o grupo quando resolveu inscrever a pauta *Violência fora do seu Mundo* para o 9o Prêmio Jovem Jornalista Fernando Pacheco Jordão, do Instituto Vladimir Herzog. Trabalhar com indígenas sempre foi encarado como um desafio e a violência sexual, ou até mesmo a relação sexual, dentro das aldeias são temas vistos como um tabu. “Eles são complexos”, “a língua vai ser uma barreira”, “não falam sobre assunto ‘delicado’”. Esses foram alguns dos discursos.

Falar de outra cultura, tão próxima geograficamente e tão distante socialmente, é uma tarefa árdua que exige pesquisas intensas. Entre tantos apontamentos, a grande preocupação era não generalizar os povos originários e reproduzir preconceitos. E assim destinamos no nosso cronograma os meses de agosto e setembro para as pesquisas, em paralelo com a realização das entrevistas.

Inicialmente, tínhamos como proposta de pauta o tema *Violência fora do seu mundo: o drama das mulheres Xavantes estupradas por homens brancos*. Entretanto, no decorrer da apuração, ela não se sustentou sozinha. Descobrimos que a violência sexual parte de dentro da aldeia. Ao longo da reportagem abordamos as causas, consequências e como as vítimas reagem a esse processo. Cabe ressaltar que, devido ao tempo escasso, não pesquisamos nas delegacias dos outros municípios do médio Araguaia, o que certamente aumentaria nossos números de casos.

O foco central, portanto, mudou ligeiramente para a violência sexual fora e **dentro** do mundo dos Xavante, junto com a grafia correta do termo, pois, consultando especialistas, descobrimos que, sempre que nos referimos aos Xavante como integrantes da etnia, o correto é o uso do termo no singular e com inicial maiúscula,

Ao todo, foram entrevistadas 30 pessoas, entre indígenas e não indígenas, que confirmam os fatos abordados e abordaram diversos temas correlatos. A grande dificuldade foi entrevistar as vítimas de estupro citadas porque na cultura Xavante o homem sempre é o interlocutor, ou até mesmo submeter a vítima à violência de relembrar fatos dolorosos. A fim de confirmar os casos relatados, ao longo de duas semanas, realizamos uma pesquisa intensa na Delegacia Especializada da Mulher de Barra do Garças e na Delegacia Civil de General Carneiro, acessando aos Inquéritos e Boletins de ocorrência.

As entrevistas e pesquisas no município de Campinápolis foram realizadas de 18 a 21 de Setembro. Percebemos que falar sobre prostituição é comum, até mesmo nas rodas de conversas informais, pois tal prática tem uma cidade inteira por testemunha. O que não é fácil, novamente, é falar com quem vende o corpo, especialmente quando o faz em troca de subsistência.

Realizamos mais de 43 reuniões de pauta, planejamento, edição e finalização, algumas em ambientes, dias e horários não convencionais, como domingo, às 21h no Porto do Baé, às margens do Rio Araguaia, sábado 20h na praça de alimentação do shopping e outras datas e horários não usuais para um jornal tradicional.

A redação foi realizada do dia 25 de setembro em diante, período dividido com a revisão dos textos, em que o professor fazia observações e mandava tanto para a correção quanto para as observações do mentor. Mas o processo, que vinha bem, se tornou mais difícil na reta final, quando não foi mais possível enviar todo o material e o layout do jornal para as importantes considerações do jornalista Paulo Oliveira, a quem agradecemos pelas contribuições, ao mesmo tempo em que nos desculpamos pelo fato relatado.

Ao final, foi realizada a diagramação. Optamos pela escolha do formato Tabloide Germânico (279,4 mm X 431,8 mm), por ser um formato mais elegante que o tabloide comum adotado no Brasil, e por possibilitar mais espaço. O volume de informações levantadas exigia algo mais do que um tabloide brasileiro comum, e mais do que as quatro páginas inicialmente pensadas, motivo pelo qual o fechamos em oito.

Escolhemos o nome *in/visíveis* porque os povos indígenas são invisibilizados por parte do poder público e pela sociedade envolvente. E nesse processo, a situação e as demandas específicas das mulheres o são duplamente.

As cores vermelho e preto presentes em nosso jornal são características do Povo Xavante. O vermelho vem da semente do fruto *Urucum* e o preto é do carvão, ambos usados como pintura corporal durante os rituais.

Agradecemos o recurso do Instituto Vladimir Herzog, que foi imprescindível para realização desta reportagem, ao Núcleo de Produção Digital-MT, que cedeu o espaço e os equipamentos para a edição e o fechamento do jornal, e à UFMT/CUA que, durante a viagem ao município de Campinápolis destinou carro e motorista.